

João Luís Barreto Guimarães

mediterrâneo

 QUETZAL | poesia

*Não sabemos ao certo até onde vai o Mediterrâneo*

PREDRAG MATVEJEVITCH

## Entre etéreo e terreno

*Deus sive Natura*

ESPINOZA

Na  
manhã do temporal saímos a medir estragos  
(repor pedras nos muros  
colher gravetos do chão). A  
fúria  
da natureza volveu a ordem anterior  
como marca de um excesso quando  
no dia seguinte olhas melhor e percebes o  
equívoco da  
noite anterior. Da força da tempestade só sobrou  
dor e silêncio (aos pés  
de um pinheiro-manso céu e terra derrotados:  
um rato e um  
pardal são a memória visível da cega  
devastação) como se  
um recomeço apenas fosse possível caso  
entre etéreo e terreno ambos  
ousassem perder. Um  
deus ajusta o equilíbrio destruindo o que criou –  
alguém tem de morrer cedo para que  
outrem possa sobreviver.

## Arqueologia de um gesto

Durou um átimo o gesto (o  
rasto de um sentimento) saio  
à sua procura mas o gesto  
já não está. A  
sua dança ausente da superfície do ar  
(ético ou  
amoral?) só  
o posso adivinhar. Como recuar ao *pathos*  
se não o trago na memória (foi  
um gesto apaixonado ou  
foi um  
gesto sem história?)

## Ainda ontem no Pocinho

*Valle do Nídeo*

Douro

*Reserva 2009*

14% vol.

E  
aqui estamos (tu e eu) nómadas  
neste rio sagrado onde um primo nosso afastado  
(alguns 30  
mil anos) deixou picotado em pedra  
num mágico altar de xisto este  
casal  
de cervídeos (se não em  
pose ousada para o que deve um santuário  
pelo menos dando a ideia de estarem ali naquilo  
já desde o  
Paleolítico). *Homo sapiens* apenas no  
belo Museu do Côa:  
duas ou três invenções são desde ontem notícia  
(isso de termos logrado o fogo domesticado  
usarmos linguagem falada  
criarmos belas artes  
com signos). Longa migração para norte desde o  
Quénia até aqui –  
podia falar um pouco desse lento despertar

mas já me adormece  
o vinho.